

# COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

## CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço  
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares  
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli  
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida  
(CABO VERDE)

Gilda Santos  
(UFPA - BRASIL)

Helder Macedo  
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves  
(UFPA-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves  
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DEFENSE)

Laura Cavaleante Padilha  
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés  
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana  
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andressen de Sousa Tavares  
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud  
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

D. Ana Marques

## DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gasão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Numero avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial\*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA,  
\* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe  
e Timor-Leste

## DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: colouquiletras@gulbenkian.pt

www.colouquio.gulbenkian.pt

## ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

## DESIGN

Overshoot Design

## CAPA

(a partir de uma obra de Lourdes Castro)

## IMPRESSÃO

Græca Artes Gráficas

## ESTÁTUO EDITORIAL

Disponível em colouquio.gulbenkian/contactos/

## SUMÁRIO

AGUSTINA BESSA-LUÍS

9 Um Inverno frio

CORRESPONDÊNCIAS

15 A correspondência na cultura portuguesa

*Miguel Real*

27 Correspondências e diários: aproximações e afinidades

*Marcello Duarte Mathias*

33 Correspondências modernistas

*Fernando Cabral Martins*

39 A epistolografia negra do surrealismo

*António Cândido Franco*

50 correio@eletrónico: escrever cartas na rede

*Manuel Portela*

DOCUMENTOS

67 Ruben e Torga: fragmentos de um diálogo espistolar

*Ana Maria Machado*

85 Quatro cartas de Mário Cesariny a M. S. Lourenço

apresentadas por *António Cândido Franco*

CARTAS

99 *António Mega Ferreira*

103 *Rita Taborda Duarte*

106 *Nuno Júdice*

*Julietta Monginho*

*Alexandra Lucas Coelho*

*Afonso Reis Cabral*

ARTIGOS

117 Eça de Queirós no Egipto e a abertura do Canal de Suez

*Teresa Pinto Coelho*

127 Canções à brasileira ou panorama sobre o lugar de Canções no Brasil

*Mathews de Brito*

137 Canções no modernismo paulista

*Marcia Arruda Franco*

- 160 Entre literatura e revolução: a poesia experimental portuguesa  
*Daniela Côrtes Maduro*
- 171 Rebojo, miopia e erro: o ofício enfrentado de Cristiano Moreira  
*Artur de Vargas Giorgi*
- NOTAS & COMENTÁRIOS
- 185 'Retábulo das Marcas' ou o mistério do ser  
*Catherine Dumas*
- 191 Respiração assistida e aumentada  
*Joana Matos Frias*
- 198 O coração pronto para o roubo  
*Paloma Roriz*
- 203 A leitura com propriedades líquidas  
*Rita Taborda Duarte*
- RECENSÕES CRÍTICAS
- LITERATURA PORTUGUESA
- POESIA
- 215 *Poesia*, António Botto, ed. Eduardo Pires  
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 217 *Poesia I*, Victorino Nemésio, ed. Luiz Fagundes Duarte  
MARIA DO CÉU FRAGA
- 220 *Obra Poética*, José Enes  
ROSA MARIA GOULART
- 223 *Via Analítica*, Fernando Echevarría  
MARIA JOÃO REYNAUD
- 225 *A Pessoa Indicada*, José Viale Moutinho  
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS
- 229 *Publicação da Mortalidade*, Valter Hugo Mãe  
CARLOS NOGUEIRA
- 231 *A Rose Is a Rose Is a Rose et coetera*, João Rasteiro  
FERNANDO DE CASTRO BRANCO
- 234 *A Gun in the Garland*, Madalena de Castro Campos  
PEDRO EIRAS
- FICCÃO
- 236 *O Todo ou o Seu Nada*, Amadeu Lopes Sabino  
LUÍS SALGADO DE MATOS
- 239 *Atrás da Porta e Outras Histórias*, Teolinda Gersão  
TERESA MARTINS MARQUES
- 242 *Uma Lágrima Que Cega*, Casimiro de Brito  
MANUEL FRIAS MARTINS
- 245 *Os Três Seios de Novêlia seguido de Manual do Silva Ramos*  
Manuel da Silva Ramos
- 249 *Ehete*, Dulce Maria Cardoso  
LUIZA MELLID-FRANCO
- 253 *O Fogo Será a Tua Casa*, Nuno Camarneiro  
CRISTINA COSTA VIEIRA
- 256 *Parém Todos os Relógios*, Nuno Amado  
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 258 *Pão de Açúcar*, Afonso Reis Cabral  
PAULO SERRA
- EDIÇÃO CRÍTICA
- 260 *Fausto*, Fernando Pessoa, ed. Carlos Piralla  
JOÃO BARRENTO
- VÁRIA
- 263 *A Mesa Está Posta*, Jorge Silva Melo  
MARIANA MAURÍCIO
- LITERATURA INFANTO-JUVENIL
- 267 *As Fadas, Antero de Quental*  
RITA TABORDA DUARTE
- ENSAIO
- 270 *Caos e Ritmo*, José Gil  
SUSANA VIEGAS
- 272 *Do Caos Redutivo*, Luiz Fagundes Duarte  
PEDRO SEPÚVEDA
- 275 *Oblíqua\_Mente*, Isabel Allegro de Magalhães  
ISABEL HUB FARIA
- 277 *Do Que não Existe*, Annabela Rita  
ISABEL PONCE DE LEÃO
- 280 *Voltar a Ler*, António Carlos Cortez  
ANA MARQUES GASTÃO
- 282 *Portugal/Brasil/Palop*, org. Cristina Costa Vieira,  
José Henrique Manso e Ana Rita Carrilho  
ROBERTO ACIZELO DE SOUZA
- LITERATURA BRASILEIRA
- ENSAIO
- 284 *O Corpo Descoberto. Contos Eróticos Brasileiros (1852-1922)*,  
org. Eliane Robert Moraes  
MARIA ESTHER MACIEL

- Denis Brass, il. Gregorio Prieto, Londres, George Allen & Unwin Ltd, 1950.
- <sup>2</sup> Do conjunto editado, esta é a única carta manuscrita, sendo as demais datilografadas.
- <sup>3</sup> Referência à feroz censura de Salazar ao segundo volume de *Páginas*. Apesar de, em carta de 25 de julho de 1951, ter havido um recuo do presidente na sua intenção de afastar Ruben do leitorado, o escritor, magoado com a prepotência, cessou o contrato e regressou a Portugal.
- <sup>4</sup> V. Liberto Cruz, José Brandão e Nicolau Andersen Leitão, *O Mundo de Ruben A.*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 116-18.
- <sup>5</sup> Embaixador do Brasil em Portugal de 1959 a 1965. Entre 1954 e 1972, Ruben foi funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa. V. Jorge Pais de Sousa, «Cronologia Biobibliográfica», in *Para Um Ruben Global: Catálogo Bibliográfico Documental*, coord. cient. José Carlos Seabra Pereira, org. Ana Maria Machado, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005, p. 26.
- <sup>6</sup> Trata-se de *Júlia*, a sua estreia como dramaturgo e a única peça publicada em vida. V. Liberto Cruz *et al.*, *ob. cit.*, p. 157.
- <sup>7</sup> Esta carta, tal como as emitidas por Ruben, é uma cópia do original, pelo que não está assinada.
- <sup>8</sup> Ruben A., «25 Anos dos Bichos de Torga», *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, n.º 37, fev. 1966, p. 54-55; disponível em <<http://colouquio.gulbenkian.pt/al/sirius.exe/artigo?1070>>.
- <sup>9</sup> Referência ao artigo que Ruben A. escreveu para o *Diário Popular*, em 1965. Cf. Renato Nunes, *Miguel Torga e a PIDE. A Repressão e os Escritores no Estado Novo*, Coimbra, Minerva, 2007, p. 138.
- <sup>9</sup> Trata-se do romance *Silêncio para 4*.

NÃO SE DÁ NOTA de qualquer relação entre Mário Cesariny (1923-2006) e M. S. Lourenço (1936-2009) antes da segunda metade da década de 70 do século XX. Terá sido no Outono de 1977 que essas relações começaram e de forma muito promissora como se lê no post scriptum duma carta de 30 de Outubro de 1977 que Cesariny escreve para Laurens Vancrevel, na Holanda<sup>1</sup>:

Recebi do senhor Manuel Lourenço, do Departamento de Espanha e de Português da Universidade de Indiana, uma carta que é, há muitos anos volvidos, a primeira que me enviam em português de adesão clara, luminosa, ao Surrealismo aqui, bem como de crítica lúcida e apaixonada às brincadeiras proto-surreais dos inúmeros Françaças (José-Augustos) locais destes anos todos, desde 47. [...] A morada dele é:

Manuel Lourenço  
Department of Spanish and Portuguese  
Ballantine Hall — Bloomington, Indiana 47401 — USA

Embora muito promitente e intensa, a relação dos dois terá sido breve. O que dela hoje se sabe tem lacunas — o paradeiro das cartas de Lourenço a Cesariny é por exemplo desconhecido —, mas o que se conhece permite inferir que não terá durado muito mais de três anos. A correspondência de Cesariny para Lourenço, essa conhecida e conservada no espólio do escritor depositado na BNP (espólio M. S. Lourenço, E62/539-543), é constituída por quatro cartas, escritas entre 6 de Dezembro de 1977 e Abril de 1978 — uns curtos cinco meses — e que são aquelas que aqui se dão a conhecer. A primeira das quatro é a resposta à primeira missiva de Lourenço, só conhecida através do entusiasmo com que o destinatário a refere a Laurens Vancrevel. Depois de ter estado em Inglaterra como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e como leitor de português da Universidade de Oxford, Lourenço instalara-se nos Estados Unidos, onde passou a viver e tra-

... — e foi para aqui que o destinatário lhe respondeu pouco depois. Nesta época, Lourenço podia estar já empenhado na tradução e organização da antologia O Teorema de Gödel e a Hipótese do Contínuo, publicada em 1979. Se ainda não traduzia Kurt Gödel, o que pode ter acontecido só depois da morte nos Estados Unidos do grande matemático em Janeiro de 1978, estava decerto a preparar o seu doutoramento sobre a filosofia de Wittgenstein, que completou com sucesso em 1980 na Faculdade de Letras de Lisboa, numa área afim, muito vizinha à da tradução — a lógica, a inferência, predicativa, o raciocínio dedutivo, os fundamentos dos axiomas e das proposições —, na qual trabalhava desde a sua tese de licenciatura em Filosofia, na mesma faculdade, em 1964.

O ponto de diálogo entre Cesarieny e Lourenço não foi nem podia ser a lógica e a filosofia da matemática, matérias que em muito pouco interessavam o primeiro. Essa ponte foi o surrealismo. É de crer que, ao mesmo tempo que prosseguia estudos no seu campo académico, a lógica, e se familiarizava mais com os mecanismos do raciocínio, Lourenço tenha em paralelo, ou até em cruzamento, desenvolvido todo um trabalho interior de contacto com os processos da linguagem verbal que o conduziu a um texto espacializado mas explosivo, Pássaro Paradipsico, composto entre 1974 e 1977 nos Estados Unidos. Escrito numa língua alucinada e selvagem, esse livro é entre nós, na sua poderosa catarata imagética desligada de referências e de intenção estética, métrica, moral e civilizacional, um dos acabados exemplos de composição verbal automática tal como André Breton a propôs em 1919. É admirável como um tal delírio verbal aconteceu num homem que ao mesmo tempo se dedicava às mais severas e árduas regras da construção mental do juízo e do raciocínio. Foi com esse longo poema em 34 partes que Lourenço se apresentou a Cesarieny e é a ele que este se refere na entrada da sua primeira carta de resposta — «Se tem alguma cópia possível do livro que me diz ter acabado agora em surrealismo absoluto, pois de muito alimento me seria». O poema terá sido pouco depois remetido para a Rua Basílio Teles, uma vez que na carta de 12 de Março de 1978, Cesarieny acusa a sua boa recepção. Foi este que lhe tratou da edição em livro, que saiu em Junho de 1979, encaminhando-o para o seu editor de então, João Soares, da chancela *Perspectivas & Realidades*. Foi ainda Cesarieny que o interpretou com as tintas, em várias pinturas, uma delas servindo de capa ao volume e outras três ilustrando o seu interior. Assinado com o nome de «Manuel Lourenço» e tendo «um obtuário» de M. S. Lourenço na contracapa, o livro é um dos pontos cruciais da ligação dos dois poetas, quer pelo surrealismo absoluto com que o seu autor o classificou quer pela participação de Cesarieny na edição, na ilustração e até no ritmo que esta imprime à unidade das muitas partes do poema.

na editora de João Soares, constituiu por isso um dos motivos fortes da correspondência de Cesarieny para Lourenço. O volume está presente em três das quatro cartas e pela primeira delas se fica a conhecer a orientação do autor na sua feitura, deixando de lado a alma poético-mágica do surrealismo, toda interior, a favor do choque exterior da sua intervenção revolucionária. Na derradeira carta reitera os mesmos critérios, ao mesmo tempo que adianta a preciosa informação de estar a fazer um segundo tomo da obra, consagrado a Portugal, que terá sido depois abandonado pois dele nenhum outro rasto ficou. Lourenço acabou por traduzir para ingles partes da introdução da antologia, tendo os originais da tradução sobrevivido no espólio de Mário Cesarieny depositado na Fundação Cupertino de Miranda. É provável, embora nada o prove, que como se pede na segunda carta tenha ainda traduzido as partes indicadas por Cesarieny na entrevista dada a Francisco Belard no jornal A Luta (10/2/1978) e encaminhado o resultado para Chicago, ao cuidado de Penelope e Franklin Rosemont. Outro ponto a destacar na correspondência é o volume Poesia de António Maria Lisboa, dado a lume nesta mesma altura, desta vez pela Assirio & Alvim (foi o primeiro trabalho de Cesarieny para esta casa), e também presente em três das cartas. Há várias datas enganadoras para a saída do volume, a começar por aquela que figura na ficha técnica do livro, 1977. A data da saída do livro fica definitivamente esclarecida nas cartas para Lourenço de 11/2/1978 e de 12/3/1978. Nesta diz-se que o livro acabava então de surgir a público.

Na mesma época em que tem lugar esta correspondência, ou um pouco depois, no Outono de 1978, Cesarieny fez uma folha volante do Bureau Surrealista (chancela selvagem que usou entre 1975 e a primeira metade da década seguinte) com texto de Lourenço. Todo o Mijo do Mundo (tiragem 100 exs.). Num carta a Philip West de 31/3/1979 comentou assim edição e texto: «O Bureau Surrealista publicou até agora um texto meu, e outro de Manuel Lourenço, estupendo, com o título 'Todo o mijo do mundo' (mando-te a tradução inglesa feita por ele)». Por sua vez, Lourenço escreveu o texto do catálogo da segunda exposição de pintura de Cesarieny na Galeria Tempo, «As Fogueiras Gelam», em Fevereiro de 1979 — a primeira fora no final de 1977 e deu lugar a um livro publicado pela Secretaria de Estado da Cultura, Mário Cesarieny, referido na segunda carta a Lourenço.

O último momento em que se regista a presença conjunta dos dois intervenientes nesta correspondência é na apresentação do livro Pássaro Paradipsico, que teve lugar na Galeria Tempo, a 8 de Janeiro de 1980, por iniciativa de Cesarieny, que trabalhava desde há anos com Jaime Isidoro e Edgardo Xavier, responsáveis da galeria. Depois disto, na década de 80 e seguintes, é o silêncio.

parece haver um motivo concreto para esta ausência e tudo aponta para que não tenha havido qualquer rasgão entre os dois mas não só um afastamento natural a partir do início da década de 80.

Agradeço a João Dionísio, que coordenou o inventário do espólio de M. S. Lourenço na BNP, a indicação da existência deste lote de cartas e ainda as informações relativas ao espólio de Mário Cesariny na Fundação Cupertino de Miranda.

António Cândido Franco

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Mário Cesariny, *Um Rio à beira do Rio — Cartas para Frida e Laurens Vancrevel*, ed. Maria Etelvina de Sousa Santos e Perfecto E. Cuadrado, posf. Laurens Vancrevel, Lisboa/Famalicão, Documenta/Fundação Cupertino de Miranda, 2017, p. 205.
- <sup>2</sup> *Ibid.*, p. 258.

Caro Amigo

A sua carta foi para mim uma bela surpresa e realmente a primeira desde há muitos anos. Se tem alguma cópia possível do livro que me diz ter acabado agora «em surrealismo absoluto», pois de muito alimento me seria. Para lê-lo. Concorro inteiramente com o que você diz na sua carta sobre a condição abaixo de gato em que *não decorreu* um movimento surrealista aqui. A Ditadura impediu a clarificação e muitos gatos pingados, pagos ou por amor à arte, desfizeram — e continuam desfazendo — o resto.

Neste sentido, e logo que veio o 25 de Abril, propus-me fazer um livro — que está finalmente editado e sairá dentro de dias — clarificador. Tem o título *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial (1924-1976)*. Nele, sobretudo, o sentido de protesto e reivindicação que tem caracterizado o movimento — o apelo à revolta colectiva — em detrimento, desta vez, ou por uma vez, do laboratório mágico, poético, que cabe a cada um, e será de tudo talvez o mais importante, em cada um (em cada um e para o universo em desenvolvimento, independentemente de tempos e lugares) (a descoberta poética!) até certo ponto independente e, mesmo, me parece que deverá sê-lo, da contingência social. O FUNDAMENTO DE TODA A EXPERIÊNCIA DEVE ESTAR FORA DA EXPERIÊNCIA, disse-dissemos, ou acordámos em dizê-lo, aqui, em 1949. Pois bem, se o poema, o quadro, o manifesto louco bocado ainda podiam ou puderam passar — logo apanhados por rasteira pelos tais aproveitadores de que você fala — eis agora um fundamento (não quero dizer o fundamento) da experiência: textos e textos, dados em tradução portuguesa, do que aqui não poderia passar antes do 25 de Abril.

*Não poderia* passar também será exagero. Alguns de entre nós, não sei se os melhores ou piores, disseram que não, que não podia (passar). (Como não passou). Mas poder-se-ia, sempre, *fazer*. Quero dizer que o suicídio também é uma afirmação, uma *actividade* (pode ser *o acto filosófico por excelência*, como disse Novalis) (com certa ganga de boutade, cheira-me) só havia que escolher qual o pior ou melhor dos suicídios: o da vida — o da morte. Digo-lho porque acho chato e afinal cínico, sobre o pouco, justificar tudo com a Ditadura. «Nada poderá nada contra quem partiu», diz o Lisboa, bem pouco antes da sua partida de dois sentidos: o da viagem mesmo, a Grande Partida, e o do adeusinho, partida feita aos malandros que o queriam aqui para lhe pregarem partidas. «Experiência de suicídio», dizia eu, entretanto — e nalgum ponto a sou e continuo fazendo — sei-o —, mas também há boutade, que é esta de de algum modo ser-se representante dos suicídios.